

Música  
23 de janeiro 2013

# Mais um fado no fado

Aldina Duarte

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Voz** Aldina Duarte **Guitarra portuguesa** José Manuel Neto **Viola** Carlos Manuel Proença  
**Convidados** Ana Moura, António Zambujo, Júlio Resende

**Criação artística** Aldina Duarte **Produção executiva** Radar dos Sons  
**Som** Alfredo Almeida **Road manager** Ana Moitinho **Luz** Paulo Mendes

Aldina Duarte vestida por José António Tenente

Qua 23 de janeiro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M3

## O Sentido das Notas, o Canto das Palavras

*Apenas o Amor* (2004), *Crua* (2006), *Mulheres ao Espelho* (2008), *Contos de Fados* (2011). Os títulos dos quatro álbuns que Aldina Duarte lançou parecem formar, como um mosaico, o retrato perfeito da sua postura de artista – o de alguém para quem a relação com o Fado passa por um registo constante e incandescente de paixão, mas também por um percurso por vezes quase cruel de introspeção e pela descoberta fascinada de múltiplos olhares sobre o mundo, pela mão dos poetas, dos artistas, dos fabricantes de sonhos e de mitos fundadores. Tudo isto assenta sempre nos alicerces de um repertório de fados estróficos depurados pelo tempo, tão firmes e enganadoramente simples nos contornos essenciais que os definem como livres e complexos nos desenhos novos e inesperados que o seu canto lhes sabe dar em cada revisitação. Tudo acontece pela mediação de um discurso poético rigoroso, assumidamente contemporâneo, sem concessões, em que a sua própria voz de poeta emerge com frequência, lado a lado com a de tantos grandes criadores da Língua portuguesa, como uma força tão marcante como o canto. Aldina Duarte tem este jeito especial de saber ao mesmo tempo dizer o sentido das notas e cantar a melodia das palavras. É por isso que nunca deixa de nos surpreender, que nunca a podemos prever, que é sempre uma descoberta renovada. Assim, neste programa o seu caminho cruza-se com o de duas outras vozes relevantes do Fado

dos nossos dias, Ana Moura e António Zambujo, e através destas os seus versos convertem-se num terreno comum para o encontro entre outras tantas posturas artísticas idiossincráticas, passando da condição de mera expressão individual da sua autora ao estatuto de um património partilhado e reestruturante do próprio género. E ela mesma revisita – e de algum modo reinventa, nessa viagem – alguns dos fados mais emblemáticos do seu repertório, partindo, para esse novo olhar, do desafio que representa a parceria com o piano de Júlio Resende. Mais uma vez nos confronta, deste modo, com esse seu misto tão especial de tradição e ruptura, de medo e coragem, e – porque não? – de pudor e desvario.

### Rui Vieira Nery

(Rui Vieira Nery escreve de acordo com a antiga ortografia)



Aldina Duarte

### O fado feminino

Aldina Duarte chegou tarde ao fado. Ou, talvez seja mais acertado dizê-lo, não chegou com a idade com que hoje se celebram as novas vozes, augurando-lhes grandiosos futuros quando ainda mal se cruzaram com a vida. Por isso mesmo, a sua aprendizagem depois da epifania de ouvir Beatriz da Conceição a dois passos, fez-se com outro fundo, e uma bagagem emocional sólida e uma maturidade pessoal que nunca a fez cair num registo de excessos. Pelo contrário, Aldina não tem ponta de histrionismo no seu canto, não procura impressionar de forma gratuita, antes canta buscando em cada palavra a sua verdade absoluta e o autêntico espelho daquilo que lhe vai na alma.

Apaixonada confessa pela literatura, Aldina não faz dos seus discos os habituais apanhados de poemas (mais ou menos contemporâneos) que, de forma

quase aleatória, preenchem os registos da maior parte dos fadistas surgidos pós Mísia e Camané. A inteligência e rigor que dedica a cada álbum tornam-nos objetos de um deleite que convoca todos os sentidos. Não é só a voz que faz com que a terra estremeça – como dela se diz e canta – ou a profunda e ajustada carga poética. Sobretudo quando a palavra que lhe é oferecida vem de parceiras habituais como Maria do Rosário Pedreira ou Manuela de Freitas. Ou, inclusivamente, da safra da própria fadista. O amor enlutado, a paixão visceral ou a condição feminina, não há ninguém que os cante como ela.

### A revelação

É habitual dizer-se que há um momento em que a vida de cada um de nós muda para sempre. E é possível dizê-lo, como maior ou menor grau de preciosismo, em relação a inflexões afetivas e profissionais, a acidentes de percurso que rompem com os planos sonhados. Mas, em muitas dessas vezes, esse momento apresenta-se como algo relativamente abstrato, opaco, distendido. Uma acumulação de circunstâncias e não tanto um momento concreto. No caso de Aldina Duarte, contudo, torna-se possível estender o dedo e pousá-lo com segurança aqui: na noite em que, a pedido do realizador e encenador Jorge Silva Melo, se dirigiu a uma casa de fados com a missão de entrevistar Beatriz da Conceição para um documentário em que entrariam também Fernando Maurício e Celeste Rodrigues. E em vez de sair de lá com uma entrevista, depois de passados

olhos e ouvidos pela fadista, Aldina veio num alvoroço emocional, como que repentina e violentamente puxada para o fado. Para aquele fado. A partir daí, é seguro dizê-lo, a sua vida não mais foi a mesma.

“Fiquei apaixonada por tudo o que ouvi, pedi-lhe conselhos, falou-me de tudo o que é mais importante no fado. Quis ser fadista. Passei dias a ouvir muitos discos de fado, noites a ouvir muitos fadistas, meses a ler e a decorar poemas”. Assim lembrou no seu site oficial esse momento que tudo mudou. “Foi um fenómeno brutal pela viscerabilidade de tudo aquilo”, lembrou ainda em entrevista. “Tornei-me uma aluna da Beatriz. Ia ouvi-la todas as noites”.<sup>1</sup> “Aquilo para mim era como estar a dois metros da Billie Holiday”.<sup>2</sup>

O arrebatamento foi tão violento que Aldina não encontrou imediatamente o seu lugar dentro do fado. “Não foi logo amor, amor sereno, como é agora”, explicou. “Era uma espécie de tremor que me acontecia sempre que cantava, como se fosse outra pessoa. Há sempre uma sensação de vertigem quando se acorda. Nunca cheguei a ter uma grande paixão. Passou de uma grande confusão para um grande amor”.<sup>1</sup>

### A infância não dita

Aldina tinha 24 anos. Nascida em Lisboa, em julho de 1967, tinha crescido num bairro social em Chelas e passado pelo jornalismo e pelo radialismo. A sua sede de cultura colocara-a na rota de gente como Jorge Silva Melo ou do grupo de pop excêntrica Valdez e as Piranhas Douradas. Aldina assumia a

responsabilidade das segundas vozes do coletivo liderado pelo ator Pedro Wilson que se anunciava como “uma banda de xunga / rock comercial”.

Na altura em que teve por epifania a visão abençoada de Beatriz da Conceição, Aldina trabalhava como monitora num Centro de Paralisia Cerebral. E seria aí, junto daqueles com quem passava os dias que se estrearia na vida que passaria a ocupar-lhe as noites. O seu primeiro espetáculo seria, portanto, para os funcionários do Centro.

Para trás, ficava uma infância de que a fadista prefere não falar. Marcada por um ambiente ainda pesadamente fascista, Aldina perde o pai para a Guerra Colonial – “foi quando eu tinha três meses e morreu lá, tinha eu dois anos; representa a injustiça da Guerra, onde morreu tanta gente, estupidamente”, confessou<sup>3</sup> – e assiste àquilo a que chama o “sofrimento redobrado” de saber-se pobre e ter de testemunhar a humilhação social dos pais ou, no caso, da mãe. Daí que classifique a infância como “triste e cruel” e a sinta como uma etapa demasiado passageira, substituída por uma idade adulta começada precocemente.

### Dois amores

Os primeiros anos de vida de Aldina Duarte, no entanto, trouxeram-lhe dois amores edificantes, estruturantes, que lhe forneceria um escape para o seu dia a dia. O gosto pela leitura, incutido desde cedo pela mãe, baseava-se não apenas no contacto com a grande literatura em si mesmo, sendo igualmente alimentado pela mãe na convicção de

que “a salvação de um pobre era a inteligência e o conhecimento”. “Os livros”, diz ainda Aldina, “ajudaram em tudo” e “no início eram mesmo a minha única e grande saída daquele mundo limitado em que vivia – Chelas”. Esta ideia de salvação, diz a fadista, é partilhada pela música. “Desde que entrei em contacto com elas fiz tudo para não as perder e para alimentar a presença delas na minha vida”.<sup>3</sup>

As suas primeiras referências musicais viriam do chamado canto de intervenção. “Para mim, só havia José Mário Branco, Fausto, Sérgio Godinho e, passado algum tempo, Jorge Palma. Cheguei ao mestre, Zeca Afonso, através dos seus discípulos”.<sup>3</sup> Aos poucos, os ouvidos de Aldina começariam a sintonizar-se nas cantoras de jazz e de blues clássicas, a sorver o canto expressivo de Billie Holiday, Nina Simone e Ella Fitzgerald, cuja qualidade interpretativa nunca se deixou subjugar pelo virtuosismo vocal. Esse fascínio pelo uso da palavra em contexto musical levá-la-ia igualmente ao encontro de Jacques Brel, mestre absoluto na encenação de uma canção.

Aos 20 anos, Aldina larga a escola, sai de Chelas e parte em busca da sua autonomia e de descodificar aquilo que a vida guarda para si. Nessa altura, o fado era não mais do que uma tangente nos seus dias, ouvia-o por acaso na rádio através dos sucessos de Amália ou de Carlos do Carmo, mas não sabia nenhuma letra de cor. Até então, incentivada também pelos colegas que nela percebiam haver uma voz fora do normal, cantara apenas temas de Sérgio

Godinho (*A Noite Passada*) ou Joan Baez (*Amazing Grace*) nas festas da escola.

### As noites na Comuna

Na sequência da pesquisa encomendada por Jorge Silva Melo, Aldina Duarte acaba ela própria por figurar no filme *Xavier*, realizado por Manuel Mozos e escrito por Mozos, Silva Melo e Manuela Viegas, interpretando *Novo Fado da Severa (Rua do Capelão)*, filmado na Mouraria, com os moradores a exigir um bis. Aconteceu isto em 1992. No ano seguinte, Aldina canta fado pela primeira vez em palco, na peça *Judite, Nome de Guerra*, de Almada Negreiros, numa encenação de Germana Tânger no Teatro S. Luiz.

Pouco depois, em colaboração com o encenador João Mota, Aldina cria as famosas Noites de Fado no Teatro da Comuna, ao abrigo das quais convida gente como Beatriz da Conceição, Manuel de Almeida, Maria da Nazaré, Carlos Paulo e Manuela de Freitas. É nessas circunstâncias que acaba por conhecer Camané, nascendo então uma relação amorosa que durará dez anos e fará de Aldina a responsável pela escolha de reportório para os seus discos. Por outro lado, na condição de colaboradora da EMI-Valentim de Carvalho, trabalha na organização digital do espólio e na elaboração de coletâneas de Raul Ferrão e Alfredo Marceneiro.

Ainda no âmbito das Noites de Fado, na Comuna, Aldina acaba por ter à sua disposição o pretexto perfeito para conhecer a sua “grande referência de sempre, artística e humana”: José

Mário Branco. Graças ao contacto com José Mário, a fadista torna-se igualmente próxima de Manuela de Freitas, atriz, letrista, companheira do músico. “Quando canto”, admite, “canto com as experiências que tivemos no trabalho com o Camané [Aldina pesquisava, José Mário produzia, Manuela escrevia algumas letras] e, ainda antes, com a maneira como sempre absorvi a atividade artística deles”.<sup>3</sup>

### Arranque e pausa

Em 1995, a convite do guitarrista Mário Pacheco, Aldina Duarte passa a integrar o elenco do Clube de Fado. Durante os dois anos seguintes é ali que canta e se vai fazendo fadista. Pouco depois, viaja para Itália, a fim de cantar numa “peça lindíssima do Antonio Tabbuchi”, intitulada *Os Últimos Três Dias de Fernando Pessoa*, no Teatro Piccolo de Milão. Já a cantar no elenco do Senhor Vinho, propriedade da fadista Maria da Fé e do letrista José Luís Gordo, Aldina parecia ter o seu percurso encarrilado. “Nunca soube muito bem o que queria fazer”, confessou. “Tive de trabalhar muito cedo e fazia o que aparecia. Como não sou capaz de fazer o que não gosto, ia saltando de trabalho em trabalho. O fado tornou-se a minha forma de expressão mais duradoura. Foi onde me encontrtei”.<sup>1</sup>

Ainda assim, após cinco anos a cantar de forma consistente, e mesmo continuando a sentir-se fadista, Aldina parou “por achar que não tinha talento nenhum”.<sup>4</sup> Durante seis meses, não conseguiu retomar a música. “Sentia-me triste, mais do que deprimida”, diria.<sup>3</sup>

A pausa durou até ao dia 22 de julho, data do seu aniversário, quando Aldina foi festejar com alguns amigos e com o seu marido, Camané, que se encontrava a cantar no Senhor Vinho. Na sua presença, Maria da Fé resolveu dedicar-lhe um fado: “Disse que eu tinha um talento extraordinário mas que estava num momento de pausa. Foi como quando estamos a ouvir um programa de rádio e há uma interferência, só se ouve ruído. Nem sabia que ela pensava aquilo. E dizia que quando se tem este talento, por mais que se queira fugir, é impossível, é mais forte que nós. E que o que ela mais gostava era que eu retomasse no Senhor Vinho. Tive um ataque de choro, convulsivo”.<sup>4</sup> Limpas as lágrimas, Aldina recompôs-se e decidiu-se a cantar dois fados naquela mesma noite.

O rastilho reacendeu-se. Aldina sabe bem que há outra vibração, o sangue ferve de outra maneira e a alma despe-se integralmente quando não há palco, apenas um metro a separar o/a fadista de quem o/a ouve – ali não há mentiras, não há microfones, não há botões de volume, há apenas um canto que não se pode escudar, as emoções derramadas sem filtros. As vozes maiores sentem-se aí. E esse ambiente irrepetível lembrou Aldina de que o seu lugar era aquele. “A Maria da Fé e o Camané convenceram-me que era tudo disparate meu”, disse.<sup>4</sup> Aldina quis, felizmente, ser convencida. Aos poucos, começou a cantar novamente na casa de Maria da Fé durante os fins de semana e foi ficando. Até hoje.

As vozes persuasoras de Camané e Maria da Fé não eram, naturalmente,

umas quaisquer. Os dois, juntamente com Beatriz da Conceição, constituem o grupo a que Aldina chama o seu “tripe artístico”. “Apesar de haver outros com quem aprendi muito, com estes contactei também muito – que é uma forma de aprendizagem muito forte”.<sup>3</sup>

O regresso ao Senhor Vinho teria para Aldina um valor especialmente simbólico: “Esta arte só pode nascer onde nasceu verdadeiramente”.<sup>1</sup>

### Apenas o Amor

Aos 37 anos, com a voz já senhora das suas emoções, Aldina Duarte estreia-se finalmente nos discos, pela mão da EMI-Valentim de Carvalho. Intitulado *Apenas o Amor*, o seu primeiro álbum destacar-se-ia desde logo por incluir oito poemas da sua autoria, arrojo raro no mundo do fado e mais escasso ainda com uma qualidade que em nada empalidecia ao lado dos letristas tradicionais. “Até hoje, só escrevi quando não encontrei letras que dissessem o que para mim era urgente cantar na altura”, justificaria.<sup>5</sup> Já antes, aliás, Aldina assinara as letras para o álbum *Diz*, uma parceria do contrabaixista Carlos Bica com a atriz/cantora Ana Brandão. A qualidade dos seus textos para fado não tardou também a obter um amplo reconhecimento. Assim, para lá dos poemas que abastecem o seu próprio canto, Aldina começou a espalhar os seus versos pelas vozes de Camané, Joana Amendoeira, António Zambujo ou Pedro Moutinho.

*Apenas o Amor*, lançado em 2004, evidenciava a segurança no percurso que Aldina desenvolvera até então. Lançada na pesquisa aturada do espólio das 140

músicas do fado tradicional, a cantora rapidamente percebeu que era aí, sem intervenção de ideias pretensamente inovadoras, que queria fazer o seu caminho. “É a partir daí”, diria, “que cada fadista vai fazendo o seu percurso e criando a sua identidade. É preciso que essa música flua de tal maneira, porque vive do improviso e para improvisar é preciso ter a verdade muito absorvida. Isto é fascinante!”.<sup>2</sup>

A certeza do “caminho solitário” que estava a tomar – Aldina lembra que não tinha produtores, nem compositor, nem letristas que quisessem trabalhar consigo – levou a que decidisse avançar para o seu primeiro disco antes sequer de haver contrato com a EMI-VC. Tanto assim que, recrutados os músicos com quem desenvolvera já uma cumplicidade sublime – José Manuel Neto (guitarra portuguesa) e Carlos Manuel Proença (viola), que ainda hoje a acompanham –, foi a própria a assegurar a produção de um registo que deixaria claro o seu posicionamento: o seu canto era cru, visceral, sem necessidade de complicar onde se exigia a simplicidade. Uma ligação direta e ardente às emoções.

Para que essa verdade não fosse traída, Aldina gravou metade do disco no Senhor Vinho – “queria que o disco fosse tanto quanto possível o retrato nu e cru daquilo que tenho feito” na casa de fados – e a outra metade na sala-estúdio do Teatro Nacional D. Maria II. A escolha de espaços pouco habituais às gravações pretendia, naturalmente, reforçar o compromisso com “a magia que só acontece no dia a dia das casas

de fado”.<sup>2</sup> “Antes de gravar estes fados, cantei-os durante ano e meio na casa de fados, para os apurar, viver com eles e eles conhecerem-me a mim... E achei que seria a maneira de correr menos riscos e de apresentar a génese do que faço e do que sei fazer”.

### Crua

*“A textura da voz, a intenção da leitura, a respiração que toma as rédeas do peito e que respira quando nós nos sustentamos, a força telúrica capaz de devolver à terra tudo o que à terra pertence, o drama e a dádiva, principalmente a dádiva das coisas simples e eternas da vida, é que me levam Mar adentro. Se tudo isto é fado, tudo isto é Aldina!”*

João Monge

A ideia para o segundo álbum de Aldina Duarte, *Crua*, começa a nascer quase por acaso. No final de um concerto de apresentação de *Apenas o Amor*, João Monge – letrista dos Trovante e da Ala dos Namorados, e coinventor do coletivo Rio Grande, tinha já escrito para Camané e Mísia – dirige-se ao camarim de Aldina e diz-lhe “Muito obrigado pelo teu disco”. Ela, espantada, retorque: “A sério?! Gosta?! Se gosta mesmo, podia demonstrar isso escrevendo um disco inteiro só para mim”. Monge ri-se, desvaloriza dizendo que Aldina não precisa de ninguém, que dá perfeitamente conta do recado sozinha. “Mas a ideia nunca mais me saiu da cabeça”, revelou mais tarde.<sup>4</sup> “Quando me disseram que era hora de pensar num segundo trabalho, dei esta ideia. O João aceitou. Afinal, fiquei a saber que há muito

sonhava ter alguém para interpretar o fado escrito por ele”.

Os fados tradicionais foram escolhidos por quem melhor os conhecia. Depois de todo o trabalho de pesquisa realizado para Camané e para a sua própria formação enquanto fadista, o conhecimento de Aldina dispensava quaisquer ajudas neste campo. E as palavras com que João Monge a ia abastecendo, por via desse conhecimento profundo, iam caindo quase milagrosamente nos fados eleitos pela fadista. O encaixe seria ainda facilitado pela coincidência de fundo político entre os dois. Aldina, mulher de fortes convicções humanistas e desde sempre assumida como “ser de esquerda”, descobriria naqueles fados “um descaramento na abordagem do prazer própria da esquerda”.<sup>4</sup>

Relativamente ao título escolhido, Aldina Duarte dirá que “o álbum é cru porque cada um trabalhou, ao longo de seis meses, e individualmente, os temas, as letras, sem artifícios”. “É um disco muito intenso, cheio de contrastes. Os meus, os do mundo e os das pessoas que trabalharam comigo”. Ou seja, Monge na escrita, Proença na viola e Neto na guitarra portuguesa.

### Londres, Madrid

O ano de 2007 seria um período de sinais contrários na carreira de Aldina Duarte. Em novembro, participa no elenco do espetáculo Divas do Fado, apresentando no Queen Elizabeth Hall, em Londres, no festival Atlantic Waves, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em palco, surge ao lado de algumas das suas grandes referências,

como Beatriz da Conceição e Maria da Fé, assim como de outras vozes entretanto despontadas – Mafalda Arnauth, Joana Amendoeira e Raquel Tavares.

Meses antes, no entanto, Aldina Duarte fica a saber da sua dispensa do catálogo da EMI nacional. Devido a um atribulado processo de reestruturação da filial portuguesa, que passa então para a direta dependência administrativa e financeira de Madrid, as ordens vindas de fora ditam o afastamento de vários artistas nacionais que, na análise fria e cega dos números, não estarão de acordo com os objetivos traçados a regra e esquadro pela casa-mãe espanhola. Assim, Aldina, Sérgio Godinho, Mesa, Jacinta e Souls of Fire deixam de estar sob contrato com a EMI.

### Mulheres ao Espelho

A medida de dispensa do catálogo da EMI não produz, ainda assim, efeitos negativos na vontade criadora de Aldina Duarte. E, em vez de cruzar os braços e ficar à espera que algo aconteça, a fadista cria a sua própria editora para publicar o álbum que começava já a germinar dentro de si – *Mulheres ao Espelho*. Com o nascimento da Rodalámusic, passa a assumir toda uma série de funções empresariais, conquistando uma posição de absoluta independência, curiosamente mais consentânea com a sua postura quotidiana e artística. “Tive de pedir um empréstimo para abrir uma editora e poder editar o meu disco, sou eu que faço a faturação da empresa, sou eu que negoceio e monto os meus próprios espetáculos, as tournées, a promoção”, descreveu.<sup>6</sup>

*Mulheres ao Espelho* parte da discussão em torno da despenalização da interrupção voluntária da gravidez, motivada pela aprovação em referendo da nova lei do aborto, em fevereiro de 2007. Depois de perceber-se “muito chocada” pelo “desrespeito pela sensibilidade e pela condição femininas, que pensava honestamente que já não existia”,<sup>7</sup> a revolta conduz Aldina a uma reflexão profunda, reforçada pela morte de uma figura de referência na sua vida, a psicóloga e sexóloga portuguesa Maria Clementina Diniz. “Dedico o disco às mulheres com quem aprendi coisas essenciais, e que têm todos um traço comum: foram pioneiras”.<sup>7</sup>

Um dos temas mais fortes de *Mulheres ao Espelho* leva por título “Princesa Prometida” e é uma reação pela pena da própria Aldina “contra uma série de pressões e de estigmas a que as mulheres estão sujeitas”. “Desde aquela coisa mais descarada que há a Oriente, das mulheres prometidas, destinadas, até à nossa própria realidade – o contrato social e financeiro a que a maior parte das mulheres continua a sujeitar-se a Ocidente é tão grave como isso”.<sup>6</sup> Ao trono da beleza, da juventude e da dependência, Aldina contrapõe a falta de respeito que implica olhar para os elencos governativos dos vários países e encontrar uma quantidade ínfima de mulheres.

*Mulheres ao Espelho* é também o disco do encontro de Aldina Duarte com a poesia de Maria do Rosário Pedreira. Até à altura, os textos de Maria do Rosário só haviam saltado dos livros de poesia para um disco de

Carlos do Carmo. Aldina pediu-lhe dois poemas, dando-lhe apenas a pista de que o álbum seria sobre mulheres ao espelho. A resposta, por escrito, fez-se com dois espantosos textos intitulados *Quadras de Amor Errante* e *O Amor Não se Desata*. Mais o poema *Mãe*, lido pela própria Maria do Rosário, que encerra o disco. “Não tive a pretensão de dar respostas a nada”, diz Aldina. “É um trabalho que trata das minhas questões permanentes. Constatei que não há homens felizes ao lado de mulheres infelizes”.<sup>6</sup>

### Um corpo para a alma

Procurando sempre questionar o seu percurso e colocar-se em situações menos confortáveis, Aldina Duarte dedicou algum do seu tempo entre álbuns e extra Senhor Vinho a projetos menos óbvios. Um deles foi o espetáculo *Aldina Duarte por Olga Roriz*, apresentado no Teatro S. Luiz, em Lisboa, em julho de 2010. Ao invés de coreografar o corpo de Aldina, Olga Roriz assumiu o papel de diretora musical, deixando a voz da fadista acompanhada apenas por um único instrumento em cada um dos onze fados que interpretava. Se havia as óbvias guitarra portuguesa e viola, outras das escolhas puseram Aldina a cantar em diálogo com piano, percussão, harpa, acordeão e contrabaixo. Tudo porque depois de tanto ouvir sobre si “a Aldina tem muita alma”, a fadista perguntou ao então diretor artístico do S. Luiz, Jorge Salavisa, quem lhe poderia oferecer um corpo para a sua alma. Ao que Salavisa respondeu imediatamente: “Olga Roriz”.

Enquanto o disco novo não chegava, Aldina participou também no disco a solo de Pacman, ex-vocalista dos Da Weasel, *Uma Falaciosa Noção de Intimidade*, assim como integrou o projeto Laço Eterno, com músicos vindos da música improvisada e do jazz – Vitor Rua, Carlos “Zingaro” e Carlos Barretto. Mais pensado para o palco, o Laço Eterno deverá dar algumas novidades em breve.

### Contos de Fados

Amante dedicada da literatura, era apenas uma questão de tempo até que os dois universos arranjassem forma de se encontrar com outro fôlego na obra de Aldina Duarte. A meio da leitura de um conto de Nikolai Gógol, *O Retrato*, o título do disco surgiu a Aldina vindo do nada: *Contos de Fados*. A partir daí, a fadista tratou de desenvolver um conceito que o tornasse “para além de apelativo, consistente”.<sup>5</sup> E convidou então alguns dos seus letristas preferidos – Manuela de Freitas, José Mário Branco (“os responsáveis pelos alcerces da construção da minha biblioteca pessoal”, chama-lhes<sup>8</sup>), Maria do Rosário Pedreira, José Luís Gordo e a própria Aldina – a escrever letras a partir de obras da literatura universal. O ponto de partida tanto poderia ser um romance como uma crónica ou uma novela. Tudo era válido como fonte de inspiração.

Assim, em *Contos de Fados* Aldina Duarte canta textos escritos a partir de *O Eterno Marido*, de Dostoiévski, *A Bela Adormecida*, um conto de Hermann Hesse, a peça de teatro *Um Elétrico Chamado Desejo*, de Tennessee

Williams, e o mito de Orfeu e Eurídice, entre outros. O álbum, diz Aldina, pode ser descrito como “uma espécie de luta entre o amor e o desamor”. E a experiência foi tão intensa que a fadista se diz “artisticamente e humanamente diferente depois desse disco”.<sup>3</sup> “Fui obrigada a cantar sentimentos que nunca tinha cantado. As dores do amor, as alegrias do amor, a cidade, a raiva, o desespero – canto isso desde sempre. Mas o vazio, a frieza, a incapacidade de amar, não. A mentira, a fealdade, também não. Tive de ir a um fundo a que ainda não tinha ido, para me poder interpretar”. Esta abordagem, no entanto, daria a Aldina o disco em que menos se cantou a si própria.

Fiel sempre ao fado tradicional, Aldina nunca sentiu até hoje o apelo de trazer algo inédito para o fado. “Quando me perguntam quais são as novidades, eu digo que não tenho. A única novidade, de disco para disco, sou eu a cantar letras escritas sobre o que acontece agora, escritas por mim ou para mim. Não tenho a preocupação de inovar nada. Acho isso limitativo e redutor”.<sup>6</sup> Nem é novidade que se lhe pede. O canto de Aldina Duarte, colado ao fado tradicional, é um milagre de contenção e emoção a que apetece voltar sempre, sem o qual não sabemos já viver.

“O Mário Viegas costumava dizer que tinha de estar ligado ao teatro, nem que fosse o homem da bilheteira; eu digo o mesmo, mas em relação ao fado. Podia até ser porteira de uma casa de fados. Não sei o que é viver sem isto”. Aldina Duarte, entrevista ao jornal *Expresso*, 10 de junho de 2011.

#### Fontes de consulta

*Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX* (Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2010)

Biografias no site do Museu do Fado ([www.museudofado.pt](http://www.museudofado.pt))

#### Citações

1. Entrevista a Aldina Duarte por Tiago Salazar, *Máxima*, julho de 2007.
2. Entrevista a Aldina Duarte por Miguel Francisco Cadete, suplemento “Y” (*Público*), 26 de março de 2004.
3. Entrevista a Aldina Duarte por Anabela Mota Ribeiro, revista “Pública” (*Público*), 29 de maio de 2011.
4. Entrevista a Aldina Duarte por João Pedro Oliveira, suplemento “6ª” (*Diário de Notícias*), 20 de janeiro de 2006.
5. Entrevista a Aldina Duarte por Manuel Halpern, *Jornal de Letras*, 1 de junho de 2011.
6. Entrevista a Aldina Duarte por Sarah Adamopoulos, *Notícias Magazine*, 19 de outubro de 2006.
7. Entrevista a Aldina Duarte por Nuno Pacheco, suplemento “Ípsilon” (*Público*), 6 de junho de 2008.
8. Entrevista a Aldina Duarte por Alexandra Carita, suplemento “Actual” (*Expresso*), 10 de junho de 2011.

© Isabel Pinto



Ana Moura

#### Um fado com mundo

Não há outra voz no fado como a de Ana Moura. Uma voz que se passeia pela tradição livremente, sem deixar de *flirtar* elegantemente com a música pop, alargando de uma forma muito pessoal o raio de ação da canção de Lisboa. Mas aquilo que a distingue é não apenas um timbre grave e sensual como há poucos – Ana Moura transforma instantaneamente em fado qualquer melodia a que encoste a sua voz. É um rastilho imediato, uma explosão emocional disparada sem contemplanções ao coração de quem a ouve.

Fausto, José Afonso, Ruy Mingas, música angolana e fado. Era isto que se cantava nos serões da família Moura, em Coruche, era Ana Moura apenas uma catraia – nasceu numa outra localidade ribatejana, Santarém, em 1979 – com gosto pelas cantorias. Os pais cantavam, toda a família materna

cantava e qualquer motivo de reunião familiar terminava com um festejo sob a forma de música. Embora cantasse de tudo, Ana começava já a sentir que, por alguma razão, tinha um carinho especial pelo fado. Aos seis anos cantava já o seu primeiro fado, *Cavalo Ruço*, enquanto ouvia frequentemente a mãe trautear *O Xaile de Minha Mãe*. Depois, veio a adolescência e deixou o fado adormecido. E despertou para outros tipos de música, mais condizentes com a idade e as amizades liceais.

É com essa curiosidade por outras músicas, em plena adolescência de descobertas e rebeldias, que Ana Moura chega a Carcavelos, com 14 anos, para fazer o 10º ano. Chega não para cantar, mas para estudar, inscrevendo-se então na Academia dos Amadores de Música. Mas é aos colegas de escola que se junta para a primeira banda. Apesar de cantar outros géneros, a verdade é que, deixada à sua sorte, a voz de Ana rapidamente se cola ao registo fadista e, assim, mesmo com grupos de rock vai conseguindo incluir um ou dois fados no repertório – habitualmente, *Povo que Lavas no Rio*, de Amália, nessa fase a sua referência máxima enquanto intérprete.

A experiência com essa banda de covers, os Sexto Sentido, acaba depois por conduzir ao início de gravações de um disco pop/rock com o músico Luís Oliveira, cujo lançamento fazia parte da agenda da multinacional Universal. O disco, no entanto, não chega a ser terminado. Entra em cena o destino e leva Ana Moura a um bar em Carcavelos onde cede à tentação e canta um fado. Presente na sala, o guitarrista António

Parreira, de tão impressionado, toma-a pela mão e leva-a a várias casas de fado. Até ao momento em que, numa festa de Natal de músicos e fadistas, Ana Moura é levada ao convívio daqueles que haveriam de habitar as suas noites daí em diante e é convidada a cantar. Desta vez, é Maria da Fé, coproprietária da prestigiada casa de fados Senhor Vinho, quem não resiste àquele talento em bruto. Aos aplausos, Maria da Fé junta o convite para cantar na sua casa.

É precisamente nesses ambientes noturnos, do Senhor Vinho mas também das outras casas de fados que começa a frequentar, que se dá a verdadeira escola do seu canto. Antes, Ana Moura cantava o fado porque sim, porque a intuição lhe mandava, porque a boca lhe fugia para ali. Agora, os ensinamentos dos mais experientes – sobretudo Maria da Fé e Jorge Fernando – dão-lhe outros porquês, sem lhe matar a espontaneidade.

Essa paixão manifesta-se de tal maneira que rapidamente conquista Miguel Esteves Cardoso (MEC). Antes sequer de as editoras ouvirem falar no seu nome, é a escrita de MEC que serve de amplificador para a notícia do talento da jovem fadista, depois de a ouvir e ver atuar num programa de António Pinto Basto na RTP1 chamado Fados de Portugal. É inclusivamente depois de ler as palavras enlevadas de MEC no *Independente* que Tozé Brito, administrador da Universal, vai ao Senhor Vinho à descoberta daquela voz que conhecia apenas dos Sexto Sentido. Não demora a propor-lhe a gravação do primeiro disco.

Para a produção do álbum de estreia, *Guarda-me a Vida na Mão* (2003), é chamado Jorge Fernando. Além de comandar a direção artística do álbum, o músico é igualmente responsável por seis dos quinze temas gravados, um dos quais é assumido pela cantora como o seu BI musical – *Sou do Fado, Sou Fadista*. A cumplicidade entre os dois há de manter-se nos discos seguintes. Logo aí, fica evidente que o fado de Ana Moura comporta uma elasticidade rara, convocando participações de gente como os Ciganos d'Ouro e Pedro Jóia, e instrumentos com o *cajon* e a guitarra de flamenco. Mas o essencial mantém-se intacto: a tradição não arreda pé. A receção, crítica e de público, a *Guarda-me a Vida na Mão* é de um entusiasmo que não deixa dúvidas e Ana Moura começa de imediato a tornar-se presença recorrente nos palcos portugueses e, progressivamente, também nos internacionais.

*Aconteceu*, em 2004, é a continuação lógica do disco de estreia. Tratando-se de um álbum duplo, revela uma surpreendente ambição por parte da cantora, ao mesmo tempo que vinca com uma espantosa confiança a certeza do seu caminho: a convivência natural entre o fado mais apegado à tradição e uma forma muito pessoal e convicta de lhe exigir contemporaneidade.

A carreira de Ana Moura começa a ganhar um tamanho fôlego que a fadista acaba por abandonar o Senhor Vinho, a fim de poder dar resposta aos muitos convites que vai recebendo para tocar fora do país. Essa falta é mais tarde colmatada pela integração do elenco

de uma nova casa de fados, em Alfama, de nome Casa de Linhares – Bacalhau de Molho. A internacionalização leva então Ana Moura a atuar na mítica sala Carnegie Hall, em Nova Iorque, em fevereiro de 2005.

Do outro lado do mundo, o saxofonista dos Rolling Stones Tim Ries entra na Tower Records de Tóquio à procura de discos de fado. Leva já na cabeça a ideia de incluir uma fadista no segundo volume do Rolling Stones Project, um projeto por si liderado que convida gente de outras marés musicais a interpretar temas dos Stones em colaboração com um dos históricos músicos da banda. Compra três CD às escuras, por mero instinto, e foi amor à primeira audição. Para o disco, Ana grava *Brown Sugar* e *No Expectations*. Ao vivo, interpreta este último com os Stones no Estádio Alvalade XXI. A partir daí, em várias ocasiões, as digressões de Ana Moura e dos Rolling Stones coincidem nos mesmos sítios. Numa delas, em São Francisco, Ries liga para a fadista e mostra-lhe uma música que compôs a pensar na sua voz. *Velho Anjo*, entraria no disco seguinte de Ana Moura, *Para Além da Saudade* (2007), depois de “afadistado” por um arranjo de Jorge Fernando.

Um dos trunfos de *Para Além da Saudade*, aliás, seria a rara participação de Fausto num disco alheio. Ana, que crescera a ouvir o autor de *Por Este Rio Acima*, perdeu a vergonha e pediu-lhe uma composição. Outra das autoras convidadas, desta vez a compor expressamente para si, foi Amélia Muge. A troca com outras culturas ficou então

por conta de um dueto com o histórico cantor espanhol Patxi Andión. Tim Ries, além de autor, deixaria também o seu saxofone impresso em dois temas do disco – *Velho Anjo* e *A Sós com a Noite*.

Graças ao tema *Os Búzios*, de Jorge Fernando, o sucesso de *Para Além da Saudade* havia de escalar até níveis inéditos na carreira de Ana Moura, acabando por gozar de dois grandes momentos de consagração em Portugal através da atuação nos Coliseus de Lisboa e do Porto. O álbum trar-lhe-ia ainda o Prémio Amália Rodrigues.

Após o sucesso gigantesco de *Para Além da Saudade* – há 70 semanas na tabela dos mais vendidos quando o quarto álbum chega às lojas –, a edição de *Leva-me aos Fados* (2009) é saudada quase de imediato com a obtenção do galardão de platina. Como habitualmente, é produzido por Jorge Fernando e conta com letras de Tozé Brito, Manuela de Freitas, Mário Rainho e Nuno Miguel Guedes, assim como uma composição original de José Mário Branco. O álbum inclui mais uma criação encomendada à inventividade de Amélia Muge. *Não É Um Fado Normal* conta com a participação dos Gaiteiros de Lisboa e vinca o percurso distinto da fadista, de resto evidente logo no próprio título.

Em maio de 2009, após um primeiro contacto telefónico, Prince desloca-se proposadamente a Paris para presenciar à sua frente o charme da fadista na sala La Cigale. A 18 de julho de 2010, Ana Moura volta a colocar o fado num grande espetáculo do universo pop/rock, ao subir ao palco com Prince

no *encore* do concerto do músico no Festival Super Bock Super Rock, no Meco. Juntos interpretam uma versão em português de *Walk in Sand* e o fado tradicional *Vou Dar de Beber à Dor*.

Em setembro de 2010, Ana Moura aceita o convite da Frankfurt Radio Bigband para cantar em dois concertos na cidade alemã, sendo a parceria repetida, mas desta feita em sentido inverso, quando a fadista chama a orquestra de jazz a acompanhá-la, em abril de 2011, no seu regresso aos Coliseus de Lisboa e Porto. Para Ana Moura, é um momento de celebração de um ano marcado pela vitória de um Globo de Ouro, pela presença nos tops de vendas da Billboard e da Amazon e pela nomeação enquanto Artista do Ano para os prémios da revista inglesa *Songlines*. Passados escassos meses, em agosto, sobe ao palco do festival Back2Black, no Rio de Janeiro, ao lado de Gilberto Gil, com quem interpreta o *Fado Tropical* de Chico Buarque.

Em 2012, ano em que Ana Moura participou no disco de homenagem a Caetano Veloso com uma versão de *Janelas Abertas nº2*, produzida por José Mário Branco, a cantora guardou uma pequena mudança na sua linguagem musical. Do seu canto, sabemos apenas que nasceu no fado. Nunca saberemos onde termina.

*Desfado*, o quinto álbum de originais de Ana Moura, representa um momento de viragem na carreira da artista. A fadista apostou em nomes da nova geração de compositores nacionais (como Manuel Cruz dos Ornatos Violeta), Márcia, Pedro da Silva

Martins dos Deolinda, Miguel Araújo dos Azeitonas, Luísa Sobral e António Zambujo) e em nomes consagrados da música portuguesa (como Aldina Duarte, Tózé Brito, Manuela de Freitas e Pedro Abrunhosa) para a criação dos temas. Para a produção Ana Moura foi buscar Larry Klein, o multigalardoado produtor norte-americano que no seu currículo tem trabalhos com Joni Mitchell, Herbie Hancock – que tem uma participação especial em *Desfado* –, Madeleine Peyroux, Melody Gardot, Tracy Chapman, entre muitos outros.

© Gonçalo F. Santos



### António Zambujo

António Zambujo nasceu em Beja, em 1975, e cresceu a ouvir cante alentejano apreciando a harmonia das suas vozes, a cadência das frases e o tempo de cada andamento. Apaixonou-se pelo fado e pelas vozes de Amália Rodrigues, Maria Teresa de Noronha, Alfredo Marceneiro, João Ferreira Rosa e Max, entre muitos outros.

A meio do seu percurso integrou o elenco do musical *Amália*, dirigido por Filipe La Féria.

Em 2002 é editado o seu primeiro álbum pela Ocarina *O mesmo fado*, e na sequência do seu êxito recebe o prémio de Melhor Nova Voz do Fado, já atribuído pela Rádio Nova Fm a intérpretes como Mariza, Camané ou Mafalda Arnauth. Passados dois anos Zambujo ganha o Prémio Amália Rodrigues (atribuído pela Fundação Amália Rodrigues) na categoria de Melhor Intérprete Masculino de Fado.

Em setembro de 2007 lança o seu terceiro álbum *Outro Sentido*, com produção musical de Ricardo Cruz e a participação especial das Vozes Búlgaras – Angelite, que é editado na Europa e nos EUA pela Harmonia Mundi e considerado pela revista *Songlines* Top of The World Album. Depois de atuar no Théâtre de La Ville, em Paris, *Outro Sentido* sobe ao terceiro lugar de vendas da Fnac francesa.

A editora MPB edita *Outro Sentido* no Brasil. Esta edição tem três faixas adicionais com participações de Roberta Sá e Trio Madeira Brasil, de Zé Renato e de Ivan Lins. No ano seguinte lança o seu quarto disco *Guia* onde são interpretados originais de compositores e letristas nacionais e brasileiros tais como Vinicius de Moraes, Márcio Faraco, Pierre Aderne, Rodrigo Maranhão, Ricardo Cruz, o próprio Zambujo, João Gil, João Monge, Aldina Duarte, José Agualusa, Maria do Rosário Pedreira e Pedro Luís, entre outros.

António Zambujo tem levado a sua música a numerosos países da Europa,

Américas e Ásia, e participou nos mais populares festivais nacionais e internacionais.

Em 2012 edita pela Universal *Quinto*. Além de originais de António Zambujo, o disco conta com composições de Pedro da Silva Martins (Deolinda), Márcio Faraco, Rodrigo Maranhão e Miguel Araújo Jorge (Os Azeitonas) e letras de João Monge, Nuno Júdice, Maria do Rosário Pedreira e José Eduardo Agualusa, entre outros, tudo produzido sob a coordenação de Ricardo Cruz.

Quinto foi apresentado em abril no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, concertos esgotados e inseridos no Ciclo Músicas do Mundo. Os espetáculos contaram com direção musical de Ricardo Cruz.

De lá para cá, recebeu a Medalha de Honra da cidade de Beja, atuou pela segunda vez em menos de um ano, nos EUA onde foi muitíssimo bem recebido pela crítica, apresentou a sua música em França nos mais importantes festivais de Jazz e World Music.

No outono viu *Quinto* a ser lançado pela Harmonia Mundi na Europa, atuou na Coreia do Sul e, para além de datas em teatros nacionais, António Zambujo irá atuar pela primeira vez, em nome próprio, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa.



Os discos de Júlio Resende são editados pela Clean Feed, considerada pela *AllAboutJazz* como uma das cinco melhores editoras de Jazz do Mundo, editora de nomes como Gerry Hemmingway, Tony Malaby, Mário Laginha, Bernardo Sasseti.

Atualmente encontra-se a preparar um novo disco a solo com uma visão muito própria sobre Amália Rodrigues e que será ser editado no próximo mês de março.

## Júlio Resende

Júlio Resende começou a tocar aos 4 anos. Tem um *background* na Música Clássica mas cedo descobriu que não ficava satisfeito em ser apenas um intérprete de peças musicais em que não pudesse improvisar. Participou em vários *workshops* onde trabalhou com os melhores mestres do Hot Clube, New School for Jazz and Contemporary Music, a Berklee College of Music, e a Bill Evans Academy entre o tempo que passou na Université de St. Denis em Paris.

Atualmente é professor de Piano – Jazz na Universidade de Aveiro no âmbito do Mestrado em Música – Jazz. Em 2006, licencia-se em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

*You taste like a song* é o último disco em Trio e foi lançado em fevereiro de 2011 no grande auditório da Culturgest.

## Próximo espetáculo

# Ruthie Foster

Hootenanny · Ciclo comissariado por Ruben de Carvalho

**Música** Sáb 26 de janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M3

© Mary Keating Burton



**Guitarra acústica, voz** Ruthie Foster **Bateria, percussão, voz** Samantha Banks **Guitarra baixo, voz** Tanya Richardson **Teclado, mandolim, voz** Scottie Miller **Guitarra elétrica, voz** Hadden Binion Sayers

Embora tenha estudado música enquanto jovem no seu Texas natal, começou a cantar como solista aos 14 anos, Ruthie Foster iniciou a sua carreira musical no mais improvável dos locais: a marinha de guerra dos Estados Unidos!

“Durante anos tudo o que fiz foi comer, falar, sonhar e viver à volta da música. Chegou um ponto em que quis saber se era capaz de ter uma conversa sobre qualquer outra coisa – contou – e estava também curiosa acerca do resto do mundo. Por isso, alistei-me na Marinha”.

Numa festa de Natal a bordo interpretou algumas canções para o seu esquadrão de helicópteros: foi um passo para ser integrada num grupo musical da Marinha, *Pride*, que lhe deu a primeira

experiência de quatro anos de estrada pelas instalações militares dos Estados do Sul.

Desmobilizada em 1997, ei-la em Nova Iorque onde a editora Atlantic a apoiou e, em poucos meses, fazia do seu primeiro CD uma surpresa para a crítica. As raízes, contudo, mantinham-se e uma determinante digressão foi realizada com os Blind Boys of Alabama. Abandonando a viola e o piano com que a si própria se acompanhava, a primeira década do novo século foi fulgurante: festivais desde o North Sea Jazz Festival ao Jazzfest de New Orleans, nomeações para prémios quase anualmente, até ao primeiro lugar nos Traditional Blues em 2010, ao fulcral Koko Taylor Award em 2011.

Dotada de uma impressionante presença cénica e sempre apoiada por cuidadas e vigorosas bandas, em 2010 conquistou o primeiro lugar do Living Blues Critic's Pool.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

Fernando Faria de Oliveira

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

##### Direção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

#### Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

##### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

##### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

##### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

##### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

##### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

##### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

##### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

##### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Álvaro Coelho

#### Maquinaria de Cena

Nuno Alves chefe

Artur Brandão

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

#### Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---